

Este projeto propõe uma pesquisa sobre como Gastão Pereira da Silva (1897-1987) foi visto pela historiografia brasileira sobre a psicanálise. A pesquisa ainda está em um estágio inicial, no qual busca-se compreender quais aspectos singulares da trajetória pessoal de Gastão contribuíram para o seu esquecimento quase total pelas obras que tratam da história da psicanálise.

Gastão foi um dos primeiros divulgadores da psicanálise para o público leigo no Brasil. Para tornar o tema mais acessível, utilizou, desde a década de 1930 até meados da década de 1960, meios impressos como a revista *Carioca*, na qual respondia a cartas de leitores, escreveu radionovelas com dramatizações sobre questões psicanalíticas e programas radiofônicos, traduziu peças de teatro e escreveu biografias de nomes como Oswaldo Cruz e Procópio Ferreira. Mas, apesar desta longa trajetória, a memória desse personagem foi muito pouco citada pelas produções sobre a história da psicanálise brasileira. A maioria desses trabalhos históricos não cita o nome de Gastão Pereira da Silva, mas trabalha preferencialmente com a história da institucionalização do campo e das sociedades de psicanálise aqui criadas, como por exemplo Fachinetti e Ponte (2003) e Melloni (2010). Jane Russo cita Gastão Pereira da Silva em alguns textos seus (2002a; 2002b; 2005) e assina uma pequena biografia dele (2007). Seus textos, porém, apresentam Gastão como uma figura até certo ponto exótica e não conferem a ele relevância na constituição do campo psicanalítico carioca e brasileiro.

Em 1931, Gastão lançou seu primeiro livro sobre as teorias freudianas, *Para compreender Freud*, que foi publicado pela Imprensa Nacional às custas do autor. No ano seguinte, saiu *Psicanálise em 10 lições*. Ambos foram reeditados várias vezes, se tornando referências populares sobre o tema. Gastão tomou então a iniciativa de traduzir as obras para o alemão e as enviou para Freud, que respondeu com uma carta elogiosa, datada de 6 de maio de 1934. Ele continuou a publicar livros sobre o tema por mais de duas décadas, tendo muitas de suas obras sido publicadas pela Editora José Olympio, uma das mais prestigiosas da época.

Jornalista, sócio e conselheiro da ABI (Academia Brasileira de Imprensa), Gastão também procurou utilizar para seu trabalho de divulgação vários veículos da imprensa, fazendo-se assim muito presente nas discussões da época sobre sexualidade, educação infantil e criminalidade, por exemplo. A trajetória de divulgação das ideias psicanalíticas de Gastão na

* Mestrando no programa de pós-graduação da COC-Fiocruz, sob a orientação da Profa. Dra. Cristiana Facchinetti. Agência financiadora: Capes.

imprensa transcorreu inicialmente dentro de veículos do grupo jornalístico A Noite. Na revista *Carioca*, Gastão criou a coluna “Interpretação dos Sonhos” em 16 de novembro de 1935. Até seu encerramento, em 21 de agosto de 1937, publicou respostas a 2.101 cartas de leitores de várias regiões do país, procurando apresentar elementos de psicanálise de uma maneira compreensível para uma grande parcela da população leiga. Posteriormente, Gastão publicou colunas na revista *Vamos Ler*, de 1939 a 1943.

O grupo A Noite, depois de haver apoiado a candidatura presidencial de Júlio Prestes em 1930, teve seu prédio incendiado após a vitória do movimento liderado por Getúlio Vargas. Numa tentativa de reerguimento da sociedade editorial, foram criadas no início da década de 1930 duas revistas de alcance mais popular, *Carioca* e *Vamos Ler*, ambas dirigidas por Raimundo Magalhães Júnior. “Dedicada sobretudo ao cinema, rádio e teatro, e com farta ilustração, *Carioca* foi sucesso absoluto, rendendo tiragens de mais de 150 mil exemplares” (HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA, s.d.). Já a *Vamos Ler* era mais voltada para a cultura e a educação e teve a colaboração de grandes escritores da época, como, para citar apenas alguns, Jorge Amado, Clarice Lispector, Fernando Sabino e Murilo Mendes, além de ilustradores, artistas e repórteres de grande notoriedade (SEELINGER, s.d.: 17-18). O grupo editorial A Noite se aproximou cada vez mais do governo, que detinha parte de suas ações, ao longo da década de 1930, sendo usado muitas vezes como uma espécie de imprensa oficial, até, em 1940, passar formalmente para o controle total do governo Vargas, em pleno Estado Novo.

Uma explicação para esta relação entre Gastão, que demonstrou inspirações comunistas no início de sua vida profissional, e um governo de inspiração fascista está no fato de que o governo Vargas cooptou um grande número de intelectuais, mesmo de orientação ideológica diversa: “a política de Vargas (...) produziu algo mais impressionante: homogeneizou diferentes discursos em prol da unidade e identidade brasileiras” (FACHINETTI; PONTE, 2003: 66). Valorizando o conhecimento especializado e o papel dos intelectuais no desenvolvimento social brasileiro, o governo Vargas conseguiu trazer vários destes para veículos de apoio às suas políticas, com o objetivo de tentar promover a “modernização intelectual dos valores considerados arcaicos e representantes da velha política oligárquica” (SEELINGER, s.d.: 1). Assim, os veículos de comunicação, durante os governos de Vargas, são constituídos visando a unificação nacional, com cobertura de todo o Brasil, como a Rádio Nacional e a Agência Nacional (de divulgação de notícias); revistas que visavam atingir um público mais amplo, como *Carioca* e *Vamos Ler*, também eram de circulação nacional.

A partir da década de 1950, Gastão passa a ser roteirista de programas radiofônicos na Rádio Nacional, com o mesmo objetivo de divulgar entre o público leigo as ideias

psicanalíticas. Em seu livro *25 anos de psicanálise* (SILVA, 1978), Gastão cita o título de mais de 50 radionovelas que ele teria roteirizado, “entre outras”, além de vários programas sobre curiosidades e amores, por exemplo. Infelizmente, pelas pesquisas que fiz no Museu de Imagem e do Som, que possui o acervo da Rádio Nacional, praticamente todo esse material foi perdido.

Pode-se colocar o processo de constituição e institucionalização dos saberes “psi” no Rio de Janeiro dentro de um contexto mais amplo de um “projeto civilizatório” da sociedade brasileira, predominante no final do século XIX e primeira metade do XX, que valorizava, entre outros aspectos, práticas julgadas científicas, “a laicização e universalização do conhecimento e a constituição de instituições políticas pautadas pelo ideário da igualdade e da liberdade” (DUARTE, RUSSO, VENANCIO, 2005: 7). Os dois temas historicamente mais privilegiados para a execução desse processo foram a saúde e a educação, mas o principal núcleo difusor foi o saber médico. A trajetória de Gastão Pereira da Silva se insere claramente nesse contexto, tanto por sua atuação como divulgador da psicanálise a partir de sua formação médica como pela presença em vários de seus livros de temáticas relacionadas à educação sexual, infantil, criminalidade, papel das mulheres etc. Assim, é possível fazer uma aproximação de seu papel com o desempenhado pelas figuras escolhidas para estudo no livro *Psicologização no Brasil: atores e autores*, que são consideradas estratégicas “porque, por intermédio de sua atuação profissional, participaram da criação de novos campos, específicos e diversificados, de produção, difusão e consolidação da psicologização no Brasil” (DUARTE, RUSSO, VENANCIO, 2005: 8). Mesmo assim, seu nome não é objeto de verbete no livro citado, e só é citado de passagem em um artigo, sobre Júlio Porto-Carrero (RUSSO, 2005).

A historiografia mais recente reabilitou os estudos de trajetória pessoal do tipo biográfico, mas aplicando um tratamento teórico que rompe com o modelo das antigas “vidas exemplares”, “biografias de grandes homens” (PRIORE, 2009). Como aponta Silvia Figueirôa,

“o melhor dos estudos biográficos procura usar o particular para nos ajudar a ver e a compreender padrões mais amplos em áreas tais como o desenvolvimento de ideias, as práticas, e os papéis culturais ou políticos da C&T [Ciência e Tecnologia]. Tais padrões tornam-se visíveis tanto pelos exemplos quanto pelas exceções – aqueles cujas vidas incorporam o padrão, ou os que expõem o padrão, ao violarem-no” (FIGUEIRÔA, 2007: 1).

Defendo a hipótese de que Gastão pode ser visto como alguém que viola esse padrão no campo psicanalítico de sua época, colocando-se em muitos momentos em posições e práticas diversas das de seus contemporâneos, e, portanto, estudar sua trajetória também revela, pelo avesso, o padrão mais amplo dessas posições e práticas assumidas por outros que trabalharam com a psicanálise em sua época.

Além disso, como aponta Jane Russo, tanto no Brasil como em outros países já estudados, como a França e a Argentina, a difusão da psicanálise foi feita inicialmente entre o público leigo e no campo da cultura popular, antes do processo de institucionalização (RUSSO, 2002). Assim, estudar de maneira mais aprofundada como foi feita esta difusão e suas relações com o processo de institucionalização é bastante relevante para entendermos a própria constituição do campo psicanalítico no Brasil.

É preciso lembrar que o trabalho de divulgação de Gastão foi feito também à margem dos difusores oficiais da psicanálise e de suas instituições ao longo de todo o período que vai da década de 1930 à de 1960, sejam essas a Liga Brasileira de Higiene Mental, o Hospital Nacional de Alienados ou a Associação Brasileira de Educação, nos anos de 1930, sejam os grupos de psicanálise em busca do reconhecimento da International Psychoanalytical Association (IPA), nas décadas de 1940 e 1950, ou as sociedades psicanalíticas finalmente reconhecidas pela IPA no Brasil nas décadas de 1950 e 1960, pois ele criticou duramente os critérios de admissão dessas instituições, como a análise didática (SILVA, 1985). Como a história da psicanálise no Brasil foi escrita inicialmente por atores originários dessas instituições oficiais, minha primeira hipótese é de que a postura de confronto de Gastão com os requisitos e atuação desses grupos é uma das causas de seu esquecimento historiográfico.

As fontes utilizadas para pesquisa serão obras sobre a história da psicanálise brasileira e as produções de Gastão em vários suportes, como livros, revistas populares e periódicos científicos, o que acredito que irá permitir um aprofundamento maior nas questões da relação entre Gastão Pereira da Silva e a historiografia brasileira sobre a psicanálise.

Referências bibliográficas

- DUARTE, Luiz Fernando Dias; RUSSO, Jane; VENANCIO, Ana Teresa (Org.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.
- FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos. “De barulhos e silêncios: Contribuições para a história da psicanálise no Brasil”. *Psychê*, São Paulo, VII (11), jun. 2003, pp. 59-83.
- FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. “A propósito dos estudos biográficos na história das ciências e das tecnologias”. *Fênix Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, ano IV, n. 3, jul.-set. 2007.
- HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. “A Noite”. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, s.d. Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>.
- MELLONI, Maria Teresa Saraiva. *Rio de Janeiro (1937-1959), uma psicanálise possível*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

- PRIORE, Mary Del. “Biografia: quando o indivíduo encontra a história”. *Topoi – Revista de História*, Rio de Janeiro, n. 19, jul.-dez. 2009.
- RUSSO, Jane. “A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX – Da vanguarda modernista à radio-novela”. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, 2002a, pp. 53-64.
- . “Gastão Pereira da Silva”. In *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil. Pioneiros*. 2ª edição revista e aumentada. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007.
- . “Júlio Porto-Carrero: a psicanálise como instrumento civilizador”. In DUARTE; RUSSO; VENANCIO (Org.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*, 2005, pp. 127-149.
- . *O mundo Psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002b.
- SEELINGER, Heloisa. “Entre balangandans e a Hora do Brasil: a propagação da psicanálise na Era Vargas através das revistas *Carioca* e *Vamos Lêr!*”. Relatório de pesquisa de pós-doutorado financiada pelo CNPq, intitulada “Entre vilões e mocinhas, leitores e ouvintes: a difusão da psicanálise por Gastão Pereira da Silva na Era Vargas”, realizada no Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia – Clio-Psyché da UERJ, sob a supervisão da Profa. Dra Ana Maria Jacó-Vilela, Rio de Janeiro, s.d.
- SILVA, Gastão Pereira da Silva. “Entrevista”. *Revirão*, n. 1, Rio de Janeiro, Aoutra, jul. 1985, pp. 139-149.
- . *25 anos de psicanálise*. Rio de Janeiro: APPERJ, 1978 (1959).